



As reverberações do duplo no romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum: Caim e Abel transfigurados

The reverberations of the double in the novel *Dois irmãos*,
by Milton Hatoum: Cain and Abel transfigured

Marcelo Schincariol
University of Colorado at Boulder

PALAVRAS-CHAVES: LITERATURA BRASILEIRA, MILTON HATOUM, *DOIS IRMÃOS*, CAIM E ABEL, CONCEITO DE DUPLO.
KEYWORDS: BRAZILIAN LITERATURE, MILTON HATOUM, *DOIS IRMÃOS*, *THE BROTHERS*, CAIN AND ABEL, THE DOUBLE IN LITERATURE.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É possível acreditar, sem grande risco, que a história de Caim e Abel, relatada no capítulo quatro do livro de Gênesis, é uma das passagens mais conhecidas da Bíblia, fazendo mesmo parte do imaginário coletivo ocidental, independente de crença ou religião. Nesse sentido, é praticamente inevitável ler o romance *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum, sem que consciente ou inconscientemente o enquadremos na imagem exemplar de ódio fraternal em que narrativa bíblica ao longo dos tempo se converteu. Ao fazê-lo, no entanto, corremos um duplo risco: o de destituir o texto bíblico de sua complexidade, transformando-o em um simples conto moralizante, como também o de imprimir ao romance de Hatoum uma dimensão religiosa ou teológica que este não sustenta, que lhe é alheia. Em ambos os

casos, desvia-se o olhar do modo como a imagem do duplo, centrada nos gêmeos Yaqub e Omar, reverbera na narrativa hatouniana em diferentes níveis, muito além da questão temática da rivalidade entre os irmãos e da intertextualidade possível com o texto bíblico, compondo um complexo jogo entre ser o mesmo e ser o outro que, como procuraremos mostrar, põe em xeque o caráter de *exemplaridade* que àquela poderíamos tentar conferir.

A NARRATIVA DE CAIM E ABEL E A RELAÇÃO ENVIESADA COM A QUESTÃO DO DUPLO NO ROMANCE *DOIS IRMÃOS*

Sem a pretensão de desenvolver uma leitura propriamente teológica da narrativa de Caim e Abel, tampouco de enfrentar diretamente questões controversas de ordem hermenêutica, as considerações que se seguem procuram somente cogitar sobre a possibilidade de um diálogo menos evidente entre *Dois irmãos* e o texto bíblico, de forma enviesada. O objetivo aqui é atentar para questões que possam iluminar uma análise do romance de Hatoum em que as repercussões da imagem do duplo revelem-se em suas sutilezas.

Uma questão central da narrativa de Caim e Abel é justamente aquela para a qual o texto bíblico não apresenta uma explicação evidente: a rejeição da oferta de Caim a Deus. Lavrador da terra como o pai, Caim, o primogênito, oferecia a Deus os resultados de sua colheita. O irmão, Abel, o pastor de ovelhas, oferecia-Lhe os primeiros e melhores frutos de seu trabalho. Se o sacrifício deste último agradava a Deus, o mesmo não acontece com o de Caim. Embora seja possível considerar que a ausência de derramamento de sangue, necessário para o perdão dos pecados, teria tornado inferior o sacrifício de Caim, deve-se cogitar que algo estaria errado não exatamente com a oferta deste último – resultado do esforço em purificar a terra pelo trabalho braçal –, mas com a atitude de quem ofertava. Tal leitura torna-se mais viável quando se considera a reação de revolta de Caim diante Daquela a quem oferecera o sacrifício, sentimento de ira voltado, como se pode interpretar, também contra o irmão. Para esse mesmo sentido aponta a atitude de Deus ao mostrar-se interessado pela recuperação de Caim, alertando-o sobre a proximidade do pecado e os perigos do mal que o estava tentando.

O livro de Gênesis, ao contrário do romance de Hatoum, não apresenta uma narrativa detalhada sobre como se relacionavam e viviam os irmãos, procedimento que desloca o foco para a distância que se estabelece entre Caim e Abel, num jogo de oposição baseado no sacrifício que estes apresentam a Deus e, sobretudo, na reação de Caim. Em outros termos, ainda que a relação entre os irmãos envolva a um só tempo ser o mesmo (mesmo sangue, mesma família) – o que tornaria o crime cometido ainda mais abominável –, e ser

diferente (diferentes atitudes diante de Deus), o texto bíblico reforça a dicotomia entre Caim e Abel, entre obras justas e obras más, alimentando o caráter exemplar de Abel, modelo de virtude, e Caim, símbolo da maldade humana. Além disso, a dimensão exemplar faz-se perceber em outro nível: ao questionar a fé de Caim, reforça-se a hipótese de interpretação segundo a qual Deus deve ser adorado como Ele determinar que seja feito, como se todo ato de adoração necessitasse de autorização.

Iluminam-se, assim, os efeitos da queda sobre o ser humano, bem como do distanciamento entre criaturas e Criador, por meio de uma relação de oposição que, transportada à questão dos gêmeos no romance de Milton Hatoum, sustenta-se apenas à superfície, já que encobre um delicado jogo entre ser o mesmo e ser o outro que vai muito além da rivalidade entre os gêmeos e que pode ser lido como parte de um processo mais amplo: o de relacionar-se com a diferença.

Nesse sentido, o romance de Milton Hatoum dissolve a noção de exemplaridade que é característica da narrativa bíblica – e que se consolidou ao longo dos tempos –, lançando narrador, personagens e também leitores num jogo em que somos levados a questionar as relações de identidade e diferença em vários níveis da narrativa, como em processo de reverberação.

De volta à narrativa bíblica, Caim, levado pelo ódio e ignorando as palavras de Deus, convida o irmão para ir ao campo, onde se levanta contra este e o mata. Inquirido por Deus, como se Este buscasse dar-lhe a chance de confessar o crime, Caim o nega, e por extensão, o pecado. Como consequência, Deus amaldiçoa-o no que teria de mais precioso, o trabalho de lavrador. Caim é assim abandonado a uma vida errante e incerta, de fugitivo. Preocupado consigo mesmo, Caim considera a punição demasiado severa para o crime cometido, talvez por medo de ser morto, como aconteceu ao irmão. Deus então faz-lhe uma promessa: aquele que o matasse receberia a vingança punitiva multiplicada por sete. Confere a Caim um sinal de proteção, não sendo claro no texto bíblico que sinal teria sido esse.

Ao determinar que sobre aquele que matasse Caim recairia tal vingança, Deus o condena à situação de “deslocado”, ou “desalojado”, já que estaria longe de sua terra, de sua família, distante da presença divina. Ainda que comumente associado à maldição divina, pode-se pensar o exílio, no caso da narrativa bíblica, como oportunidade para reflexão e aprendizado; quanto à Terra de Nod, local de transição para Caim.

É preciso atentar que a questão do deslocamento, multiplicada nos mais variados sentidos do termo e nos mais diversos níveis, não é de forma alguma alheia ao romance *Dois irmãos*. Após uma passagem inicial em que acompanhamos o último suspiro de Zana, a matriarca da família de libaneses em torno da qual a narrativa se constrói, o primeiro

capítulo inicia-se com a volta do jovem Yaqub de uma viagem ao Líbano, sendo comuns os deslocamentos de espaço na narrativa. A ausência de linearidade, os avanços e voltas no tempo, redimensionam as noções de deslocamento físico e cultural. Quanto a este último, além da própria família libanesa, fazem parte da narrativa do romance imigrantes que vivem em Manaus, normalmente se dedicando a atividades comerciais em uma cidade que, ela também, dividida em duas – e também na preferência dos gêmeos –, transforma-se, econômica e culturalmente. A questão do deslocamento certamente ganha contornos mais complexos quando se considera aquele por meio do qual nos chega o relato, Nael, o narrador. Este, rememorando episódios presenciados por ele ou que lhe foram contados por terceiros, reinventa e encadeia à sua maneira os fatos, num meio fio entre o velar e o desvelar os mistérios do passado. Filho de Domingas, empregada da família de libaneses que é levada à casa depois de deixar a aldeia em que nascera e passar por um lar de adoção, o narrador, espécie de agregado, carrega a dúvida sobre quem seria o pai, supostamente um dos gêmeos, filhos de Zana e Halim, que também tinham uma filha, Rânia.

A questão do deslocamento, como que multidimensionada em *Dois irmãos* – sobre a qual citamos apenas alguns exemplos ilustrativos –, por si só contrasta com a afirmação, já exaustivamente reproduzida por certa crítica, de que se trata de um romance enxuto, sobretudo se comparado a *Relato de um certo Oriente* (1989), o primeiro de Milton Hatoum. Sem propriamente negar o aspecto despojado da narrativa de *Dois irmãos*, interessa-nos relativizá-lo, como quem identifica, nela mesma, um seu duplo, milimetricamente orquestrado por um narrador – e num outro nível o autor, duplo deste – que controla um delicado jogo entre ser o mesmo e o outro. Desafia-se, assim, a lógica de que dois não podem ocupar o mesmo espaço, ao passo que se sinaliza para a questão do apagamento das diferenças.

A leitura que se segue não é de todo original. Maria Jantsch de Souza, com cujo artigo o presente ensaio dialoga, apresenta uma pertinente análise do romance *Dois irmãos* com base nas repercussões do duplo, tendo como fontes teóricas Clement Rosset e Ana Maria Lisboa de Mello¹. Desta última, é essencial a ideia do duplo como primordialmente atrelado

¹ Souza, Mariana Jantsch de (s/d). Ambivalências do sujeito: figurações do duplo em *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum.

Retrieved 20 outubro 2015, from <http://www.ufrgs.br/ppglettras/Vcoloquio/artigos/MarianaJantschdeSouza.pdf>. Quanto às referências teóricas da autora: Mello, Ana Maria Lisboa de (2007). Duplo. In Zilá Bernd (Org.). *Dicionários de figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial/ Editora da Universidade; Mello, Ana Maria Lisboa de (2000). As faces do duplo na literatura. In Indursky, Freda; Campos, Maria do Carmo (Orgs.). *Discurso, Memória, Identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto; Rosset, Clement (2008). *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Trad. José Thomaz Brum (2ª ed. revista). Rio de Janeiro: José Olympio.

à imagem duplicada, especular, articulada ao confronto entre o Eu e o Outro; de Rosset, o conceito filosófico do duplo como rejeição do real. A autora defende, assim, a tese de que a narrativa de *Dois irmãos*

está ancorada num jogo de duplicidades que discute a relação entre o Eu e o Outro e as tensões decorrentes do contato com a alteridade, demonstrando que esta, em boa medida, atua sobre a conformação do sujeito. A relação com o outro, na narrativa, é marcada pelo antagonismo e pelas imagens duplicadas dos gêmeos Yacub e Omar, caracterizadoras das formas mais freqüentes de figuração do duplo. Tal fenômeno, no contexto de miscigenação de culturas e etnias presentes na narrativa, revela as tensões do eu, as dicotomias, os antagonismos e as ambivalências que constituem o sujeito. Sendo assim, a partir dessa zona conflituosa de desdobramentos, a alteridade revela-se como suporte constituinte do sujeito, sendo este o cerne dos conflitos de *Dois irmãos*. (Souza, s/d)

Apoiada em Rosset, Souza conclui que, no romance de Hatoum, a ideia do duplo como recusa do real pode ser lida como recusa da diferença, “pois, com relação aos gêmeos, ainda que um seja a réplica/ imagem especular do outro, as diferenças são radicais e todos os conflitos da família têm origem na não aceitação dessa diferença” (Souza, s/d). Trata-se esta de uma forma de ressaltar que a imagem do duplo em *Dois irmãos* apresenta uma relação estreita com as questões identitárias:

Os gêmeos são como réplicas um do outro, como o desdobramento do outro e por isso é difícil perceber a individualidade de cada um e as diferenças que os separam. Com isso, as identidades de cada um não são efetivamente construídas, pois a imagem e a presença duplicada do outro está sempre às voltas, impedindo que cada um se construa independente do reflexo do outro. A chave dos conflitos da narrativa está nessa imagem duplicada que os gêmeos representam, a qual não permite que as identidades de Yacub e Omar se consolidem como únicas uma diante da outra. (Souza, s/d)

Embora Souza discuta, de uma perspectiva teórica, o jogo dos duplos em *Dois irmãos*, a análise que apresenta acaba por camuflar, contra a sua vontade, as sutilezas das repercussões desse jogo na narrativa do romance, uma vez que sua leitura reforça um conjunto de distinções que é mais nuançado do que se sugere. Em outros termos, Souza, ao centrar sua análise nos gêmeos Yacub e Omar, acaba por excluir as reverberações do duplo em outros níveis da narrativa, além da própria composição de outras personagens, como Zana e Halim. Constituem exemplos desse apagamento de sutilezas a que nos referimos as seguintes passagens:

Enriquece a trama a personalidade de uma matriarca dominadora e extremamente amorosa com o chamado caçula de sua prole, Omar. Em contrapartida, há um pai passivo e permissivo diante da esposa, que omite seus desgostos e desgostos com relação à postura da matriarca para sempre atender suas vontades. (Souza, s/d)

Yaqub é o filho preterido, desdenhado por Zana, enquanto Omar é o filho privilegiado, mimado pela mãe. São estes mimos que iniciam a degradação familiar. (Souza, s/d)

No entanto, ao longo da narrativa, as diferenças entre os gêmeos são apresentadas e Yaqub e Omar são revelados como adversários um do outro, sempre em polos opostos. (Souza, s/d)

Ainda que se possa considerar tal leitura marcada pelo tom dicotômico como mero recurso retórico – mesmo porque a autora, num momento posterior do artigo, apresenta uma análise teórica mais detalhada – não se deve pensar que esta se trate de uma questão secundária ou supérflua: desconsiderar as reverberações do duplo em suas sutilezas representa, em outro nível, apagar diferenças, o que em certa medida poderia trair o sentido da leitura que Souza faz do romance de Hatoum. Além disso, significa sugerir que *Dois irmãos* possa comportar uma dimensão de exemplaridade, que, como se observou anteriormente, marca a passagem bíblica de Caim e Abel. Como acreditamos, tão importante quanto atentar para a relação entre o Eu e o Outro e para as tensões no contato com a alteridade, marcas, como defende Souza, de *Dois irmãos*, é ressaltar que a narrativa hatouniana desafia nosso papel de leitor de modo extremo, já que a relação com o Outro e as tensões no contato com a alteridade não nos são fornecidas como resultado de uma reflexão, resposta única ou definitiva, muito menos como “mensagem”, seja da parte de qualquer personagem, do narrador ou do autor; antes, somos lançados num delicado jogo em que a relação com a alteridade se desenvolve no próprio processo de leitura. Nesse sentido, menos importante é notar que “ao fim de sua narração, Nael percebe que esta oposição entre os gêmeos não é real” (Souza, s/d); essencial aqui é atentar que a narrativa chega ao final tendo já desconstruído, milimetricamente, essa oposição. É o que procuraremos mostrar, respeitando os limites de um ensaio como este, a seguir.

AS REVERBERAÇÕES DO DUPLO NA NARRATIVA HATOUNIANA

Logo nas primeiras páginas de *Dois irmãos*, alguns dias antes de sua morte, na cama de uma clínica, Zana pergunta em árabe para que ninguém mais entendesse, além da filha e de uma velha amiga: “Meus filhos já fizeram as pazes?” (Hatoum, 2000, p. 12). Repete a questão com o pouco de força que lhe resta, mas recebe o silêncio como resposta, silêncio esse interpretado como um “não”, a julgar pela forma como seu rosto desvanece.

Anuncia-se, assim, a trajetória de rivalidade entre os gêmeos Yaqub e Omar que atravessa a narrativa de *Dois irmãos*. À superfície desta, acompanham-se, em vários recuos no tempo, as diferenças de comportamento e personalidade entre os irmãos, em parte devidas, talvez, ao modo como foram criados, já que Zana enchia de mimos Omar, o “Caçula”, enquanto “o outro ficava aos cuidados de Domingas, a cunhatã mirrada, meio escrava, meio ama, ‘louca para ser livre’ [...]” (Hatoum, 2000, p. 67). Tais diferenças tornam-se mais acentuadas à medida que os gêmeos crescem, ao menos é a impressão que o narrador, consciente ou inconscientemente, quer provocar no leitor. Em determinados momentos, a narrativa se volta para episódios que iluminam mais de perto a relação conturbada entre Yaqub e Omar: são exemplos mais evidentes o envolvimento dos dois com Lídia, o que se acompanha na passagem do baile de carnaval e, depois, numa sessão de cinematógrafo que culmina com a vingança de Omar. Este quebra uma garrafa e fere o rosto do irmão, deixando nele uma cicatriz que já foi lida como marca do ódio perene entre ambos. Talvez por acreditarem que, com este incidente, novos conflitos e vinganças pudessem se dar, Halim e Zana, cada um à sua maneira, incentivem a separação física dos gêmeos, o que resulta no envio de Yaqub a uma aldeia no Líbano e, depois de sua volta a Manaus, à cidade de São Paulo, para nos restringirmos a alguns exemplos.

Merece atenção o fato de que a separação física não atenua a relação conturbada entre os gêmeos, como parecia acreditar também Balislau, professor de matemática do colégio de padres, como que invocando indiretamente a imagem de Caim e Abel: “Se ficares aqui [dirigindo-se a Yaqub], serás derrotado pela província e devorado pelo teu irmão” (Hatoum, 2000, p.41). Tempos depois a tentativa de abrir um negócio juntos em Manaus tendo como “intermediário” Rochiram, tentativa essa que alimentava certa esperança em Zana depois de já morto Halim, tampouco atenua os conflitos. Ao contrário, revela-se um projeto fracassado envolvendo mentira e traição entre os irmãos, além de uma enorme dívida que culmina com a perda da casa da família. A narrativa impregna-se, assim, de uma dimensão trágica, reforçada, aliás, pelo narrador, que alimenta com intervenções diretas o suspense: “O duelo entre os gêmeos era uma centelha que prometia explodir” (Hatoum, 2000, p. 62).

É curioso notar, já no primeiro capítulo do romance, como a tensão entre Yaqub e Omar envolve um conflito entre ser o mesmo e o outro que questiona a aparente dicotomia entre os gêmeos alimentada em certo nível da narrativa. No momento da chegada de Yaqub do Líbano, o narrador, assumindo o ponto de vista de Halim, observa que “O andar [de Yaqub] era o mesmo: passos rápidos e firmes que davam ao corpo um senso de equilíbrio e uma rigidez impensável no andar do outro filho, o Caçula” (Hatoum, 2000, p. 13). Logo depois, assumindo agora a visão de Zana, tem-se que

Agora ele [Yaqub] estava de volta: um rapaz tão vistoso e alto quanto o outro filho, o Caçula. Tinham o mesmo rosto anguloso, os mesmos olhos castanhos e graúdos, o mesmo cabelo ondulado e preto, a mesmíssima altura. Yaqub dava um suspiro depois do riso, igualzinho ao outro. A distância não dissipara certos tiques e atitudes comuns [...]. (Hatoum, 2000, p. 16)

Na perspectiva de Rânia, irmã dos gêmeos, a ideia de superposição torna-se mais evidente, apesar das nuances:

Rânia hipnotizava-se com a presença do irmão: uma réplica quase perfeita do outro, sem ser o outro. Ela o observava, queria notar alguma coisa que o diferenciasse do Caçula. Olhou-o e perto, de muito perto, de vários ângulos; percebeu que a maior diferença estava no silêncio do irmão recém-chegado. (Hatoum, 2000, p. 21)

Logo em seguida à reação de Rânia, um dos convidados presentes comenta sobre uma suposta diferença entre os gêmeos, para além das semelhanças físicas: “Alguém disse que ele [Yaqub] era mais altivo que o irmão. Zana discordou: «Nada disso, são iguais, são gêmeos, têm o mesmo corpo e o mesmo coração»” (Hatoum, 2000, p. 23). Com a chegada de Omar à casa em que família e amigos recebiam o recém-chegado Yaqub, tem-se mais um evidente momento de superposição: “Omar se dirigiu à mãe, abriu os braços para ela, como se fosse ele o filho ausente, e ela o recebeu com uma efusão que parecia contrariar a homenagem a Yaqub”. Tal movimento unificador é mais uma vez reforçado pelo narrador: “Yaqub apenas estendeu a mão direita e cumprimentou o irmão. Pouco falaram, e isso era tanto mais estranho porque, juntos, pareciam a mesma pessoa” (Hatoum, 2000, pp. 24-25).

Ao longo de uma narrativa não cronológica, entende-se que a igualdade entre os gêmeos fora cultivada desde a infância, como relembra o narrador o episódio contado por Domingas: “Yaqub e o Caçula usavam um fato de linho e uma gravatinha-borboleta; saíam iguais, com o mesmo penteado e o mesmo aroma de essências do Pará borrifado na roupa” (Hatoum, 2000, p. 25). Sabe-se ainda que, nos primeiros meses depois da chegada de Yaqub do Líbano, “Os gêmeos dormiam em quatro semelhantes e contíguos, com a mesma mobília; recebiam a mesma mesada, as mesmas moedas, e ambos estudavam no colégio de padres. Era um privilégio e também um transtorno” (Hatoum, 2000, p. 30).

Não parece dar-se ao acaso que tal jogo de imagens tenha início já com a volta de Yaqub do Líbano e que se estenda ao episódio central da briga no cinematófrago na casa dos Reinoso, a qual parece sintetizar, aos olhos de muitos, a questão do ódio entre os irmãos. A própria Lívia, pivô da disputa e do ataque físico de Omar a Yaqub, parecia perceber os gêmeos de

forma superposta, o que não parece ser simples jogo de sedução. Estaria esse superposição no olhar de Lívia, na versão de Domingas, ou seria na reinvenção do episódio pelo narrador?

A meninona loira apreciava um selo raro, e seus braços roçavam os dos gêmeos. Alisava o selo com o indicador, os outros meninos se entretinham com o batalhão verde, e ela parecia atraída pelo aroma que exalava dos gêmeos. Lívia sorria para um, depois para o outro, e dessa vez foi o caçula que ficou enciumado, disse Domingas. (Hatoum, 2000, p. 26)

Esse jogo tão atrelado à questão do duplo e que se dá como em ricochete ao longo da narrativa a um só tempo reforça e dissolve os limites entre ser igual e diferente, o Mesmo e o Outro, como que pondo em xeque qualquer intenção de síntese ou exemplaridade.

É preciso atentar que esse movimento uniformizador – de quem procura consciente ou inconsciente apagar diferenças – sobrevive ao fato de os gêmeos desenvolverem comportamentos e personalidades diferentes; num nível mais raso da narrativa reflete, talvez, a urgência dos pais em promover justiça e não privilegiar um ou outro filho, ao passo que convive com a ideia cada vez mais clara de que Zana preferia o Caçula e que Halim, talvez como compensação, relacionava-se melhor com Yaqub e incentivava-o em suas decisões. Isso poderia sustentar a hipótese de que tais preferências, sobretudo a de Zana, que enchia o Caçula de mimos, alimentavam, na verdade, a rivalidade entre os irmãos. Como é comum em *Dois irmãos*, tudo se revela mais complicado do que parece, o que torna essencial analisar mais de perto a relação da matriarca com os gêmeos.

De acordo com o relato, sabe-se que a decisão de ter filhos era para Zana também uma forma de suprir a própria orfandade: “Depois balbuciou para o esposo: «Agora sou órfã de pai e mãe. Quero filhos, pelo menos três»” (Hatoum, 2000, p. 56). Quanto a Halim, não compartilhava do mesmo desejo, movido sobretudo pelo medo de ter que abrir mão de sua vida íntima com a esposa: “Não queria três filhos; aliás, se dependesse da vontade dele, não teria nenhum [...]. «Um filho é um desmancha-prazer», dizia ele, sério” (Hatoum, 2000, p. 66). A preferência de Zana por Omar, como sugere o narrador, seria justificada pelo fato de o Caçula ter adoecido muito nos primeiros meses de vida – “[Omar] Cresceu cercado por um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe, que via na compleição frágil do filho a morte iminente” (Hatoum, 2000, p. 67). Halim, além de compensar o apego da esposa a Omar, talvez visse em Yaqub uma chance de futuro que não visse no outro, o que explicaria a conexão com este último. Pode-se ainda considerar que talvez Halim competisse com Omar pelo amor e pelo carinho de Zana, sem se esquecer de que era este o filho que gostava de dividir a cama com os pais.

Na relação com os gêmeos pesaria ainda o fato de que, como faz questão de ressaltar o narrador, Zana sempre fora uma mulher de gênio forte e dominador – aquela que acaba sempre dando a última palavra -, tendo sido ela a decidir, em última instância, pelo casamento com Halim, como acompanhamos em *flashback* no capítulo 2. Ainda com o narrador, Zana era também uma mulher artilosa, o que é sugerido pela não menos artilosa questão marca o final da seguinte passagem:

Halim recuava quando ela mencionava o pai, e Zana percebia isso. Ela não desistiu: alternava o silêncio com a perseverança, se entregava a Halim com promessas de mulher apaixonada. Ele não notou a ambiguidade da atitude de Zana? (Hatoum, 2000, p. 66)

Quando se trata de tentar compreender relação de Zana com os gêmeos, atentar para sua preferência por Omar não é de forma alguma suficiente. Uma passagem em particular lança luz sobre a complexidade dos seus sentimentos contraditórios de mãe. Ao receber Yaqub no aeroporto de Manaus, ele que chegara do Líbano pelo Rio de Janeiro, Zana

não cessou os afagos, e saiu do avião abraçada ao filho, e assim desceu a escada e caminhou até a sala desembarque, radiante, cheia de si, como se enfim tivesse conquistado uma parte de sua própria vida: o gêmeo que se ausentara por capricho e teimosia de Halim. E ela permitira por alguma razão incompreensível, por alguma coisa que parecia insensatez ou paixão, devoção cega e irrefreável, ou tudo isso junto, e que ela não quis ou nunca soube nomear.

Agora ele estava de volta: um rapaz tão vistoso e alto quanto o outro filho, o Caçula. (Hatoum, 2000, p. 16)

Ainda que essa possa ser uma simples projeção do narrador, sombra que percorre toda a leitura de *Dois irmãos*, já que, como em um espelho do que é narrado, tem-se a imagem constante do que de fato teria se passado, sugere-se que o sentido dos sentimentos de Zana em relação aos gêmeos poderiam não ser claros para ela mesma, ou então que esta tivesse medo ou não soubesse nomeá-los. Ter medo de nomeá-los sugere ainda que Zana não tinha coragem de assumir o que de fato sentia por medo do seu próprio julgamento e o dos outros. A passagem acima estaria apontando para a relutância de Zana em aceitar a diferença entre os dois filhos? A relação conflituosa entre os gêmeos se explicaria pela impossibilidade de Zana vê-los em sua individualidade? Ou então, de uma outra perspectiva, de estes se verem como indivíduos? Uma questão que parece assombrar o comportamento de Zana é a de que a aceitação da diferença entre os gêmeos traria consigo a possibilidade de escolher um ou outro, ou melhor, poder ou ter que assumir a preferência por um ou outro,

o que por sua vez torna a atitude de percebê-los e de tratá-los como “iguais” um mecanismo de defesa que alimentaria não somente a tensão entre os gêmeos, mas entre a mãe e o modo de amar os dois filhos – muito embora esse mecanismo aparentemente pudesse tornar sua consciência mais tranquila. Como observa o narrador, “Nos primeiros meses depois da chegada de Yaqub, Zana **tentou** zelar por uma atenção equilibrada aos filhos” (Hatoum, 2000, p. 29 – grifo nosso).

Nesse sentido, como interpretar sua decisão de mandar somente Yaqub para o Líbano? Simplesmente para ter Omar como “filho único, o único menino” (Hatoum, 2000, p.15), como diz o narrador, ou para proteger Yaqub da convivência conflituosa com o irmão? Como entender os intensos afagos da mãe que recebe Yaqub na volta dessa mesma viagem, entrando ansiosamente no avião, sem poder esperar que o filho saísse (Hatoum, 2000, p. 16)? Ou ainda o orgulho da foto de Yaqub no jornal, ele que desfilara pelo colégio como espadachim (Hatoum, 2000, p. 40)? Seria simplesmente remorso, amor falseado? Tentaria, com tal demonstração de afeto, enganar a si mesma?

Em determinadas passagens, somos levados a acreditar nas segundas intenções de Zana, como no baile de carnaval no sobrado de Sultana Benemou, em que teria pedido a Omar para acompanhar a irmã Rânia a casa para permitir que Omar se aproximasse de Lívia (Hatoum, 2000, p. 19). Em outras, porém, a obscuridade dos seus sentimentos em relação aos gêmeos constrói-se de forma bastante sutil, como quando mostra a Yaqub o lençol e as fronhas em que bordara o nome dele:

Desde que soubera de sua volta, Zana repetia todos os dias: “Meu menino vai dormir com as minhas letras, com a minha caligrafia”. Ela dizia isso na presença do Caçula, que, enciumado, perguntava: “Quando ele vai chegar? Por que ele ficou tanto tempo no Líbano?” Zana não lhe respondia, talvez porque talvez para ela era inexplicável o fato de Yaqub ter passado tantos anos longe dela. (Hatoum, 2000, p. 22)

O fato de que Zana culpava Halim pela falta de pulso firme na educação dos filhos, enquanto este punha a culpa no fato de a esposa tratar Omar como filho único está longe de explicar o conflito entre os três (Hatoum, 2000, p. 28).

Um episódio que expõe a complexidade dos sentimentos de Zana ao leitor constitui aquele em que, depois do ataque físico de Omar ao professor favorito de Yaqub no colégio de padres, a matriarca tem que tomar uma difícil decisão: se, apesar da expulsão de Omar, Yaqub continuaria no colégio:

Ela gaguejou, confusa: seus olhos encontraram a gangorra agora vazia. O vão da janela escurecia, trazendo a noite para o interior da sala. Pensava no pendor matemático do filho. O pastor, o rapaz rústico, o mágico dos números que prometia ser o cérebro da família [pensando em Yaqub]. Adiou a resposta e levantou de supetão, meio amarga, meio esperançosa, dizendo a Domingas uma frase que no futuro repetiria tal uma prece: “**A esperança e a amargura...são parecidas**”. (Hatoum, 2000, p. 35 – grifo nosso)

Como sugere a passagem acima, a questão central não seria Zana perceber as diferenças entre Yaqub e Omar – mesmo porque essas diferenças lhe vêm à mente no momento da difícil decisão que, naquele momento, não consegue tomar; tampouco parece ser propriamente aceitar tais diferenças no sentido de que Yaqub e Omar são dois indivíduos, mesmo porque Zana mostra-se consciente desse fato num nível mais superficial da narrativa. Antes, o dilema de Zana parecer refletir a dificuldade de conviver com a sombra – ou melhor, o duplo – que acompanha a tomada de consciência da diferença entre os filhos: a possibilidade de fazer uma opção por um deles. Ao final da experiência da leitura de *Dois irmãos*, torna-se mais razoável – e certamente menos arbitrário – desconfiar do sentido atribuído às palavras de Zana quando esta pergunta se os gêmeos haviam feito as pazes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bíblia Sagrada. Retrieved 10 outubro 2015, from <http://www.camaramarilandia.es.gov.br/Arquivo/Documents/PAG/bibliasagrada.pdf>
- Hatoum, M. (2000). *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Souza, M. J. de (s/d). Ambivalências do sujeito: figurações do duplo em *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. Retrieved 20 outubro 2015, from <http://www.ufrgs.br/ppglettras/vcoloquio/artigos/MarianaJantsch-deSouza.pdf>

RESUMO

No ensaio que se segue, a narrativa de Caim e Abel serve de entrada inusitada para uma leitura do romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Questiona-se, assim, a aproximação entre romance e texto bíblico, ao passo que não se descarta a possibilidade de este último iluminar a modo intrincado como se dão as reverberações do duplo na narrativa hatouniana.

ABSTRACT

In the following essay, the biblical story of Cain and Abel highlights the intricate way the image of the double reverberates in the narrative of *Dois irmãos*, by the Brazilian writer Milton Hatoum.